

ADRIANA MARIA MOURA

**O IMPACTO DA AGRICULTURA NO
CRESCIMENTO DO COMÉRCIO NA
CIDADE DE IRECÊ:
ANÁLISE DA DÉCADA
DE OITENTA AOS DIAS ATUAIS**

Salvador-Bahia

1997

ADRIANA MARIA MOURA

**O IMPACTO DA AGRICULTURA NO
CRESCIMENTO DO COMÉRCIO NA
CIDADE DE IRECÊ:
ANÁLISE DA DÉCADA DE OITENTA
AOS DIAS ATUAIS**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Econômicas da
Universidade Federal da Bahia como um dos requisitos necessários
a *Colação de Grau em Economia*.

Orientador: **Prof. Aristeu Almeida**

Salvador-Bahia

1997

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me dá forças em todos os momentos que decorreram da elaboração dessa monografia, por várias vezes quis desistir, não foi uma tarefa fácil em virtude da minha inexperiência na elaboração de um trabalho deste nível. Além disso, coincidiu com o período de crescimento profissional que impedia muitas vezes de destinar tempo para pesquisa.

Ao professor Aristeu Almeida que acreditou na viabilidade do trabalho aceitando orientar e acompanhando até a versão final da monografia meus sinceros agradecimentos.

A minha família pelo empenho em educar-me e preparar-me para enfrentar desafios como este. Em especial, ao meu namorado Marcos Bonifácio e a minha irmã, Andréa Moura pelas críticas e incentivo à realização do trabalho.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	06
2	A AGRICULTURA DA REGIÃO DE IRECÊ	08
2.1	ASPECTOS HISTÓRICOS E CARACTERÍSTICAS	08
2.2	PRINCIPAIS PRODUTOS	17
2.3	OUTROS PRODUTOS AGRÍCOLAS	18
2.4	FATORES QUE DIFICULTAM A EXPANSÃO AGRÍCOLA	20
3	A CIDADE DE IRECÊ	23
3.1	A DINÂMICA DO COMÉRCIO LOCAL	23
4	A DEPENDÊNCIA DO COMÉRCIO EM RELAÇÃO AO SETOR AGRÍCOLA	31
4.1	ELEMENTOS ECONÔMICOS	31
5	ANÁLISE ATUAL E PERSPECTIVAS	34
6	CONCLUSÃO	37
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
	ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

A região de Irecê têm na agricultura e no comércio os setores mais expressivos na economia da região, sendo o primeiro o mais importante e que durante um longo período foi observado com grande atenção pelo governo do estado e órgãos de pesquisa em virtude da relevante oferta de produtos, atendendo não só a demanda local, como exportando para outros estados do nordeste e do país. As outras atividades como a pecuária, por exemplo, é pouco significativa em virtude dos problemas climáticos característicos da área.

A atividade industrial ainda é incipiente, tendo se destacado apenas na produção de alimentos e madeira.

Sendo assim, para atingir esse objetivo, a monografia, além do capítulo introdutório e da conclusão possui quatro capítulos.

Portanto no segundo, discute-se a agricultura da região de Irecê, caracterizando-a e mostrando os elementos históricos que fazem parte do processo de desenvolvimento desse setor, predominante na área. É estudo desse capítulo os produtos mais expressivos e que deram destaque a região como pólo granífero na década de oitenta e outros produtos, que têm sido explorados nos anos noventa com o crescimento da irrigação.

Ainda nesse capítulo, aborda-se as dificuldades encontradas pelos agricultores para vencer as barreiras naturais e político-econômicas e elevar a produção de grãos da região.

O terceiro capítulo apresenta a Cidade de Irecê como centro de decisões econômicas e políticas, superando às demais cidades que compõem a microrregião em número de habitantes, estabelecimentos comerciais e serviços em geral.

No quarto capítulo são mostrados elementos que estabelecem uma relação de dependência do comércio frente ao setor agrícola e também outros fatores exógenos que impedem o crescimento do comércio da cidade de Irecê, colocando depoimentos no sentido de dar um respaldo às informações e um caráter ilustrativo ao trabalho monográfico.

O quinto capítulo pretende revelar que a região oferece várias oportunidades de desenvolvimento faltando apenas o interesse político, promovendo infra-estrutura e condições de acesso.

2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E CARACTERÍSTICAS

A Região de Irecê, da qual faz parte o município de Irecê e mais vinte municípios¹ localiza-se no semi-árido baiano, na Chapada Diamantina Setentrional, a Noroeste do Estado, de clima quente com estação chuvosa irregular (Novembro a Abril), tendo índices pluviométricos de menos de 750mm por ano. O solo é considerado de grande fertilidade pois encontra-se sob bacia calcária e água subterrânea.

A ocupação da área inicia-se no final do séc. XVII e se estende no século XIX, tendo como elementos impulsionadores, a criação extensiva, a descoberta das Minas do Açuruá (1836) e a prática da agricultura de subsistência. Os povoados que mais evoluíram foram Gameleira, América Dourada, Ibititá, Canarana, João Dourado e Irecê em virtude das características da região benéficas ao cultivo.

Em 1985 ocorre o desdobramento de vários distritos, principalmente no município de Irecê com a criação das sedes de São Gabriel, João Dourado, Lapão, América Dourada, Barro Alto, Itaguaçu da Bahia e Mulungu do Morro como mostra o quadro abaixo.

Tabela 1 : EVOLUÇÃO DOS MUNICÍPIOS E NÚCLEOS URBANOS

¹ IBGE - Municípios (América Dourada, Barra, Barra do Mendes, Barro Alto, Cafarnaum, Canarana, Central, Gentio do Ouro, Souto Soares, Ibipeba, Ibititá, Itaguaçu da Bahia, João Dourado, Jussara, Lapão, Mulungu do Morro, Presidente Dutra, São Gabriel, Uibaí, Xique-Xique)

Topônimo Antigo	Topônimo Atual	Criação do Município	Origem Territorial	Criação do Povoado	Criação da Vila	Criação da Cidade
América Dourada	Idem	1985	Irecê	1871 (?)	1915	1985
Barra do Mendes	Idem	1958	Brotas de Macaúbas	1818 (?)	1933	1958
Barra do Rio Grande	Barra	1752	Pernambuco	1699-1700	1752	1873
Barro Alto	Idem	1985	Canarana	(?)	1962 (?)	1985
Cafarnaum	Idem	1962	Morro do Chapéu	(?)	1953	1962
Canabrava do	Uibaí	1961	Central	Séc. XIX	1929	1961
Gonçalo	Canarana	1962	Morro do Chapéu	1822 (?)	1890	1962
Canabrava do Miranda	João Dourado	1985	Irecê	Séc.XIX	(?)	1985
Canal	Irecê	1933	Morro do Chapéu	Séc.XIX	1910	1938
Caraíbas	Idem	1958	Xique-Xique	Séc.XIX	1934	1958
Central	São Gabriel	1985	Irecê	(?)	(?)	1985
Gabriel	Gentio do Ouro	1890	Xique-Xique	(?)	1935	1938
Gameleira do Açuruá/						
Stº Inácio	Idem	1962	Central	(?)	1953	1962
Jussara	Pres. Dutra	1962	Central	Séc. XIX	1958	1962
Lagoa da Canabrava	Idem	1985	Irecê	(?)	1960 (?)	1985
Lapão	Souto Soares	1962	Seabra	(?)	1953	1962
Licuri	Idem	1989	Cafarnaum / Morro	(?)	(?)	1989
Mulungu do Morro	Ibititá	1961	Irecê	Séc. XIX	1927	1961
Rochedo	Itaguaçu da Bahia	1989	Xique-Xique	1900	1920 (?)	1989
Tiririca	Ibipeba	1961	Gentio do Ouro	(?)	1935	1961
Tiririca do Assuruá	Idem	1832	Juazeiro	1700	1872	1928
Xique-Xique						

Fonte: Fundação CPE. Irecê: Um Subsistema Urbano em Formação, 1994, 72 p.

(1) Segundo a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, a criação da Vila de Lapão se deu em 1955.

A agricultura tradicional que prevalecia até início da década de sessenta, modifica-se com uma transformação na base técnica, iniciando-se um novo processo, o de modernização da agricultura, que tem como elemento importante, a criação do Sistema Nacional de Crédito Rural em 1965. O SNCR deveria apoiar as transformações na agricultura que deixava de depender apenas dos recursos naturais e passava a depender também dos produtos gerados na Indústria (máquinas, fertilizantes, rações...), aliado ao desenvolvimento urbano e ao emprego não agrícola.

Na década de 70 os investimentos governamentais através da CEPA (Comissão Estadual de Planejamento Agrícola), CAR (Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional), a EMATERBA (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Bahia), a CODEVASF (Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco) são importantes. A SEPLANTEC / CEI, a UFBA e a SUDENE são responsáveis pela realização de um plano de ação para a área em estudo.

Dentre os programas do Governo Federal que têm beneficiado a microrregião de Irecê, merece destaque o POLONORDESTE - Programa de Desenvolvimento de Áreas Integradas do Nordeste, com o objetivo de promover o desenvolvimento e modernização das atividades agropecuárias, melhorando portanto as condições de vida da população rural. Como resultado desse programa, o PDRI (Projeto de Desenvolvimento Integrado) têm atendido a área de Irecê, buscando conhecer o perfil tecnológico dos pequenos agricultores, o comportamento de suas propriedades e o desempenho da mecanização de lavouras a tração animal.

A agricultura de subsistência, e em pequena escala, parece ter estagnado ou mesmo declinado no boom econômico da década de setenta, voltando a aumentar no período posterior. Desde os anos setenta tem se observado um processo de concentração fundiária, com uma política bastante favorável aos grandes proprietários.

No município de Irecê, dos 4670 estabelecimentos agrícolas registrados pelo IBGE em 1980, cerca de 77% têm de 2 a 50 hectares, caracterizando-se numa estrutura agrária com predominância de pequenas propriedades, mas coexistem com outras que ocupam grandes extensões de terra. Os 77% de estabelecimentos detém apenas 23,11% da área total ocupada.

As conseqüências da modernização do setor agrícola, mostraram-se visíveis, principalmente no Sudeste e Sul do país, embora em algumas áreas do Nordeste, especialmente nas regiões mais dinâmicas, onde Irecê se enquadra, pode também ser notado.

O município de Irecê é um dos mais produtivos na agricultura baiana, destacando-se no cultivo de grãos, em especial aqueles resistentes aos rigores do clima, como feijão, milho e mamona.

O feijão, milho e a mamona até 1985 eram produzidos principalmente em sistema de triconsórcio, porém entre 85 e 87 ocorre um crescimento da área e uma redução na produção triconsorciada, devido a irregular distribuição das chuvas durante o ciclo vegetativo das lavouras aliado ao atraso na liberação de crédito agrícola por parte do governo. Mas a produção neste sistema continua sendo uma característica da região até os dias atuais.

A agricultura constitui a principal atividade da região, embora a seca tenha provocado grandes dificuldades. Em 1980, por exemplo, a produção de feijão foi de 77.000 t e caiu para 2.200 t em 1984; a lavoura de mamona que foi de 39.000 t em 1980 caiu para 20.000 t em 84².

Com a implantação do Plano Cruzado em 1986 o setor tomou grande euforia, mas em 1987 a rentabilidade caiu substancialmente.

Na composição da estrutura agrária, segundo dados do IBGE de 1980, 77% dos 4670 estabelecimentos agrícolas registrados são constituídos de 2 a 50 hectares, detendo apenas 23,11% da área total ocupada, enquanto os estabelecimentos com grandes extensões de terra, detêm a maior parte da área ocupada. Essa pesquisa mostra também que a maior parte dos trabalhadores ligados à essa atividade são assalariados e representam mão de obra temporária.

No período de 1970 a 1980 ocorre uma elevação da área que passa de 782.609 ha para 1.133.220 ha mostrando a tendência dessa região a um quadro fundiário bastante concentrador.

Entre 1950 e 1970, houve um crescimento espetacular das áreas ocupadas com lavouras temporárias, mantendo-se elevado em 1985, embora a níveis menores, como apresenta a tabela abaixo.

Tabela 2 : Expansão da Área de Lavouras Temporárias*

	1950	1970	1985
Bahia	844.782	1.468.740	2.555.823
Região de Irecê	25.126	180.082	343.130
Irecê	8.320	68.967	125.416

Fonte: IBGE, Censo Agrícola da Bahia, 1950, 1970, 1985.

* Inclui feijão, milho, mamona e algodão.

O fato da região utilizar principalmente lavouras temporárias e possuir estrutura agrária concentradora leva a crer que os grandes agricultores conservam extensões de terra improdutivas, com objetivo especulativo.

A região de Irecê, em relação às demais do estado, possui três elementos importantes que favorecem seu desempenho:

- A) Um bom sistema viário - a Estrada do Feijão permitindo o transporte dos produtos, assim como a movimentação de pessoas.
- B) As mudanças técnicas à nível de produção, levando a melhoria nos produtos, na comercialização e no cultivo.
- C) A figura do estado como empreendedor de infra-estrutura econômica.

² Diagnóstico para Avaliação do PDRI Irecê: 1ª Etapa. Salvador, 1984.

A área em estudo é uma das mais mecanizadas do Estado. Isso decorre principalmente dos investimentos estatais, através da Secretaria de Agricultura, que passam a alugar tratores por preços acessíveis e financiar outros implementos agrícolas, sendo fundamental na modernização dessa região.

Tabela 3 : Evolução do Número de Tratores e Arados Mecânicos

	TRATORES			ARADOS MECÂNICOS		
	1950	1970	1985	1950	1970	1985
Bahia	82	1.838	15.953	947	1.453	11.580
Região de Irecê	1	413	2.261	18	347	1.977
Irecê	-	259	1.299	4	297	1.111

Fonte: IBGE, Censos Agrícolas da Bahia, 1950, 1970 e 1985

Na tabela, verificamos que em 1950, Irecê não possuía nenhum trator e apenas 4 arados; em 1970 aumentam para 259 e 297, representando uma concentração em relação ao total na Bahia de 14% e 20% respectivamente.

O uso de máquinas é tão intensivo, que gerou alguns problemas, especialmente nos anos setenta, pois os agricultores utilizavam a mecanização de forma indiscriminada, deixando de fornecer um adequado tratamento ao solo; não utilizavam nenhum insumo, como adubos, fertilizantes e outros. A adoção de sementes selecionadas e crédito rural, também foi importante no processo de modificações técnicas.

As mudanças se refletem nas relações de trabalho tornando-se preponderante o assalariamento. Nos municípios de Irecê e Central concentram-se a maior parte do trabalho assalariado. Essas novas

relações de emprego permitem um maior controle da intensidade e do ritmo de trabalho pelo capital.

O processo de mecanização e modernização da agricultura modifica o perfil do agricultor que deixa de produzir apenas para satisfazer as necessidades de subsistência ou baseados nos preços de mercado, passando a se preocupar com os novos custos de produção do setor agroindustrial, que na década de oitenta, passa à ser pré-condição para acesso ao crédito oficial, pois nesta década os investimentos deixam de ter a magnitude que possuíam na década de setenta.

Neste sentido, os agricultores deveriam mudar a mentalidade e utilizar a mecanização de forma mais discriminada, usando fertilizantes, adubos, sementes melhoradas, frutos da agroindústria, para assim tornarem mais competitivos no mercado e “compensarem” também problemas decorrentes de flutuações climáticas.

Porém, é difícil mudar a mentalidade do agricultor, pois, não basta fazê-lo conhecer bem sua atividade, é preciso que ele perceba seu potencial, através de uma relação mais próxima entre os órgãos de pesquisa agropecuária e os produtores rurais. Durante toda a década de oitenta houve tentativas neste sentido, mas a importância da agricultura, em particular, da região de Irecê, exige maiores incentivos por parte do Estado.

A partir de 1986 o PDRI converte-se no PAPP (Programa de Assistência ao Pequeno Produtor), passando a orientar e apoiar a produção agrícola e abastecimento de água, através de poços artesianos.

Entre 1983 e 1993 o financiamento concedido aos agricultores é da ordem de US\$ 322 milhões de dólares, sendo 96% para a agricultura (CPE, 1994, p.40). Além disso, o governo institui o FNE (Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste) em 1988 objetivando financiar créditos de

longo prazo e aliado à isso intervém investindo na perfuração de poços artesianos.

Na década de 90, a situação se agrava com o prolongamento da seca. Em 1993, a produção de feijão no município de Irecê foi de 5.944 toneladas. Em 1980, a produção chegou ao montante de 77.422 toneladas. Esses dados mostram uma redução drástica na produção, podendo levar a uma mudança no caráter da região que deixa de se destacar como grande produtor de grãos e passando a ser comercializador de produtos.

Em 1996, a situação piora, já que os agricultores tiveram suas expectativas frustradas. Esperava-se uma safra de dois milhões de sacas de feijão. A perda foi de 70% deste produto e 100% de milho e mamona.

Em função dessa nova realidade, outros produtos têm se desenvolvido na área agrícola com base na irrigação, como cebola, mamão, tomate, abacate, cajú, laranja, limão, cenoura e beterraba. Além disso, a própria Secretaria de Agricultura tem incentivado a cultura de feijão em outras regiões como Ribeira do Pombal, Adustina, Cícero Dantas, Medeiros Neto e Teixeira de Freitas.

A CODEVASF está elaborando dois projetos de irrigação que promete ampliar a produção de frutas e olerícolas em Mirorós e baixio de Irecê, utilizando água do Rio Verde e Rio São Francisco.

O autor John Wilkinson, destina um capítulo do seu livro Estado, Agroindústria e Pequena Produção à Região de Irecê, tomando-a como exemplo de surgimento de agroindústrias. Mas, na década de 90 verificamos que o processo tem sido lento, operando em poucas atividades como produção de derivados de milho, torrefação, moagem e empacotamento de café, principalmente no município de Irecê.

2.2 PRINCIPAIS PRODUTOS

- Mamona

Embora a Bahia seja líder na produção nacional e responsável por dois quintos da exportação brasileira, a quantidade produzida nos últimos dez anos tem reduzido bastante, em virtude dos problemas climáticos, mas principalmente de escassez de mão-de-obra para a lavoura, decorrente da fuga de pessoas para trabalhar mesmo na agricultura irrigada ou em outras atividades. A produtividade tem oscilado entre 264 e 792 Kg/ha , mas as pesquisas têm mostrado que a utilização de sementes selecionadas e adubação fosfatada, possibilita um crescimento substancial. Os principais municípios produtores compõem a microrregião de Irecê.

- Milho

A participação na produção nacional é pouco significativa, mas no Nordeste e na Bahia, Irecê é o maior produtor.

- Feijão

A Bahia participa com 12% da produção nacional e 40% da produção do Nordeste. Costuma ser em duas safras, a primeira em outubro e a segunda no inverno (Abril, Maio e Junho). É o segundo produto agrícola em arrecadação de ICMS na Bahia. Os principais produtores são Irecê, Presidente Dutra, Central, Canarana, Ibititá, Euclides da Cunha, Tucano e Ribeira do Pombal.

- Algodão herbáceo

Os maiores produtores encontram-se no sul do estado, Guanambi, Brumado e Caetité, mas durante a década de setenta e oitenta, a produção de Irecê era bastante expressiva.

2.3 OUTROS PRODUTOS AGRÍCOLAS

Em virtude dos problemas de preço e crédito, aliado a expansão do mercado para os produtos tradicionais em outras regiões do Nordeste, agricultores têm destinado recursos para produção de cenoura, beterraba, cebola e outras hortaliças irrigadas.

- Cebola

A Bahia é o segundo produtor do Norte/Nordeste com cerca de 40% da safra regional, sendo 87% proveniente do Médio São Francisco, Xique-Xique, Juazeiro, Curaçá e Casa Nova.

- Alho

Na Bahia, os maiores produtores são Seabra, Livramento de Brumado, Jacobina, Irecê, Ituaçu e Andaraí.

- Cenoura e Beterraba

A cenoura e a beterraba, segundo dados da COOPIRECÊ (Cooperativa Agropecuária Mista Regional de Irecê) cobrem 85% da área irrigada da região de Irecê em 1993, considerados produtos de alta qualidade e com grande aceitação no mercado nacional

Com base em pesquisas da EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, diversas fruteiras podem ser exploradas na microrregião de Irecê, utilizando-se da irrigação para suplantar o déficit hídrico, já que os solos são altamente férteis.

A pinha, por exemplo, já vem sendo cultivada, com a produção concentrada no período chuvoso (outubro/março).

Mas a tentativa da EMBRAPA é incentivar o desenvolvimento da produção de banana, manga, abacate, acerola, coco, melancia, melão, laranja, limão, tangerina, e frutas exóticas como figo, romã, tâmara, tamarindo que podem perfeitamente ser investidas na área desde que utilize a tecnologia adequada.

2.4 FATORES QUE DIFICULTAM A EXPANSÃO AGRÍCOLA

A) Fatores climáticos

A Região de Irecê convive com períodos instáveis entre secas e safras de alta produtividade.

O sistema triconsortiado (feijão, milho e mamona) predominante na área, é altamente sensível às flutuações climáticas, necessitando de chuvas nos períodos de germinação, floração e enchimento de vargem, não podendo haver excessos, nem falta de umidade. As frustrações de safra advêm das inversões do clima nesses momentos. Além disso, os agricultores criam uma grande expectativa e investem bastante, quando o clima está favorável no início do plantio, mas é comum, a situação mudar no período subsequente.

B) Política Creditícia

Nos últimos quinze anos, em virtude da convivência com um mercado bastante competitivo, com preços baixos e dificuldades para conseguir crédito agrícola, os produtores rurais foram gradativamente levados a

uma situação de insolvência generalizada frente aos agentes financeiros, principalmente o Banco do Brasil.

Além de reduzir os financiamentos, os bancos fazem várias exigências aos agricultores e, as vezes, atrasam na liberação do crédito agrícola.

A não liberação de crédito rural, em tempo adequado, ou seja, quando a precipitação pluviométrica permite uma humidade ao plantio, prejudica a agricultura com uma diminuição do rendimento médio.

A política creditícia governamental de 1980 a 1985 destinou 40% dos créditos para investimentos e 60% para custeio. Apesar do volume maior de crédito, esta relação reduz-se pela metade no período subsequente (85 - 90), acontecendo também deterioração dos preços agrícolas, e como consequência a desaceleração da tecnificação rural.

Respondendo historicamente por 80% da produção baiana de grãos, a safra de verão revela em 1990 o pior desempenho já observado até então divergindo da produção nacional que obteve recordes.

Nos anos 90, a situação do financiamento para agricultura se agrava. Depois de 1991 quando a safra foi bastante satisfatória com a produção de 800 mil sacas de feijão, a região passa por um período de cinco anos de seca. A Agência do Banco do Brasil de Irecê, que chegou a financiar seis mil produtores, na safra de 1996 liberou apenas 17 contratos.

A Cooperativa de Irecê, que já foi considerada modelo para o Nordeste, só tem hoje quatro dos 120 funcionários que possuiu em épocas melhores. A instituição está praticamente falida. As únicas unidades funcionando são a fábrica de fubá e a de beneficiamento. (A Tarde, 18/04/96)

A falta de crédito e assistência técnica, têm levado os agricultores a reduzirem a área plantada, os cuidados com a prevenção de pragas na lavoura e a utilização de máquinas e implementos. Sufocados pelos débitos, alguns chegam a situações trágicas de suicídio.

C) Fatores Culturais

Existem diversos projetos que servem como alternativas para a dependência climática, própria dessa Região, porém, muitos deles não saem do papel. Além disso, falta uma organização entre os órgãos de pesquisa, as associações e o governo, para trabalharem juntos, já que o objetivo é o mesmo, promover o desenvolvimento regional.

Os produtores rurais são muito resistentes às mudanças que estão ocorrendo na economia local, e continuam explorando as mesmas culturas, as vezes, da mesma forma que na década anterior. É importante atentar para a diversificação e exigir a implantação dos projetos que tragam reais benefícios para área Rural.

3 A CIDADE DE IRECÊ

3.1 A DINÂMICA DO COMÉRCIO LOCAL

Os deslocamentos periódicos de numerosos grupos populacionais, convergindo para Irecê, bem como a mobilidade da força de trabalho local, geram uma grande concentração urbana e com ela uma rápida expansão nos diversos setores do comércio.

Basta verificar que nos anos sessenta, o comércio caracterizava-se pela pequeno comércio varejista com transações através de “caixeiros-viajantes”, que levavam mercadorias para a região e os caminhões encarregavam de fazer a distribuição nos municípios. Irecê não oferecia serviços médico-hospitalar, bancário, educativo ou hoteleiro, dependendo portanto de Jacobina, Feira de Santana e Salvador.

Na década de oitenta a Região de Irecê passa a ser considerada o centro comercializador regional, onde os produtos são vendidos e exportados para os centros consumidores, tornando-se também centro de decisões econômicas.

O dinamismo da economia regional conduz a um crescimento de certas cidades, que em tempo recorde, tornam-se destacados centros regionais, é o caso da cidade de Irecê constituindo num novo subsistema urbano com elevado crescimento populacional. (CPE, 1994, p.13)

Tabela 4: Crescimento da População Total, 1960-1991

TAXA GEOMÉTRICA ANUAL (%)			
Municípios	1960/1970	1970/1980	1980/1991
Barra	2,4	1,0	2,3
Barra do Mendes	0,2	1,5	2,5
Cafarnaum	-	4,1	0,9
Canarana	-	1,9	1,2
Central	5,8	-	0,5
Gentio do Ouro	4,8	0,1	1,7
Ibipeba	-	2,4	3,9

Ibititá	-	2,9	0,9
Irecê	3,6	3,5	4,8
Jussara	-	4,2	0,9
Pres. Dutra	-	1,5	0,4
Souto Soares	-	3,0	3,7
Uibaí	-	0,0	1,5
Xique-Xique	3,2	3,2	0,5
Região	4,3	2,2	1,9
Bahia	2,3	2,4	2

Fonte: IBGE, Censos Demográficos da Bahia, 1960, 1970, 1980 e dados preliminares do censo de 1991

Na maior parte dos municípios ocorreu uma redução da população rural e aumento da população urbana, pode-se concluir, que houve uma transferência de domicílio, isso pode ser notado principalmente em Central, Canarana e Ibititá. A cidade de Irecê destacou-se por obter durante três décadas um crescimento da população urbana elevado como mostra a tabela 6. Embora tenha reduzido esse percentual no último período, continua sendo elevado (3,2%) considerando o caráter migratório da região.

Tabela 5: Crescimento da População Rural, 1960-1991

TAXA GEOMÉTRICA ANUAL (%)

Municípios	1960/1970	1970/1980	1980/1991
Barra	2,5	0,6	-0,4
Barra do Mendes	0,0	1,2	1,9
Cafarnaum	-	4,5	-0,3
Canarana	-	1,8	-0,3
Central	-6,5	-1,4	-0,8
Gentio do Ouro	-4,8	0,2	0,1
Ibipeba	-	2,4	2,7

Ibititá	-	2,4	-1,8
Irecê	2,7	1,6	13,0
Jussara	-	2,5	-0,3
Pres. Dutra	-	0,8	0,1
Souto Soares	-	2,7	3,2
Uibaí	-	-0,3	1,4
Xique-Xique	1,7	1,9	-4,1
Região	3,9	1,3	0,3
Bahia	1,2	0,8	0,1

Fonte: IBGE, Censos Demográficos da Bahia, 1960, 1970, 1980 e dados preliminares do censo de 1991

Tabela 6: Crescimento da População Urbana, 1960-1991

TAXA GEOMÉTRICA ANUAL (%)

Municípios	1960/1970	1970/1980	1980/1991
Barra	2,0	2,3	1,3
Barra do Mendes	0,8	2,2	3,8
Cafarnaum	-	3,3	2,9
Canarana	-	2,7	4,6
Central	-3,4	3,0	2,4
Gentio do Ouro	-4,7	-1,0	5,4
Ibipeba	-	2,3	7,6
Ibititá	-	5,4	8,6
Irecê	6,0	6,9	0,7
Jussara	6,0	5,8	1,5
Pres. Dutra	-	2,6	0,9
Souto Soares	-	6,4	7,6
Uibaí	-	4,7	1,6
Xique-Xique	5,7	4,8	2,4
Região	5,6	4,4	4,4
Bahia	4,0	4,2	4,2

Fonte: IBGE, Censos Demográficos da Bahia, 1960, 1970, 1980 e dados preliminares do censo de 1991

Entre 70 e 91 é bem significativo essa transferência de população do meio rural para o urbano, isso decorre, principalmente, da crescente

mecanização agrícola e das atrações oferecidas na cidade, como uma maior oferta de empregos e mais facilidades.

Tabela 7: POPULAÇÃO RESIDENTE (HABITANTE)

ANO = 1991

MUNICÍPIO (MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA = IRECÊ - BA)	SITUAÇÃO	
	RURAL	7.718
AMÉRICA DOURADA	URBANA	8.247
	RURAL	9.652
BARRA DO MENDES	URBANA	4.817
	RURAL	9.611
BARRO ALTO	URBANA	2.448
	RURAL	7.821
CAFARNAUM	URBANA	5.883
	RURAL	15.040
CANARANA	URBANA	7.549
	RURAL	8.075
CENTRAL	URBANA	6.621
	RURAL	6.930
GENTIO DO OURO	URBANA	4.163
	RURAL	12.476
IBIPEBA	URBANA	4.973
	RURAL	10.697
IBITITÁ	URBANA	6.588
	RURAL	12.913
IRAQUARA	URBANA	4.093
	RURAL	10.839
IRECÊ	URBANA	40.069
	RURAL	9.875
JOÃO DOURADO	URBANA	9.336
	RURAL	5.455
JUSSARA	URBANA	8.547
	RURAL	14.065
LAPÃO	URBANA	6.848
	RURAL	8.810
MULUNGU DO MORRO	URBANA	4.931
	RURAL	7.481
PRESIDENTE DUTRA	URBANA	6.352
	RURAL	10.887
SÃO GABRIEL	URBANA	6.997
	RURAL	15.554
SOUTO SOARES	URBANA	2.802
	RURAL	6.798
UIBAÍ	URBANA	6.818

Fonte: IBGE - Censo Demográfico

Irecê se destaca como cidade líder tanto no que se refere ao pessoal ocupado, número de estabelecimentos comerciais, como pela receita do comércio.

A sua superioridade decorre da infra-estrutura na oferta de serviços bancários, de saúde e urbanos; além do grande número de casas cerealistas e revendedores de automóveis, que são favorecidos não só pela demanda interna, mas especialmente pelas relações com os outros centros regionais. É importante saber que o município de Irecê representa 66% do número de estabelecimentos atacadistas e 40% do comércio varejista da região.

É importante observar a grande quantidade de estabelecimentos que funcionam informalmente. Em 1994, o SEBRAE realizou um projeto na cidade de Irecê, chamado “Descentralização”, visitando 716 empresas do setor de serviços, comércio e indústria. Do total analisado, 361 atuavam legalmente e 355 funcionavam de modo informal.

A Feira livre que se realiza todas as Segundas-feiras ocupando todo o centro da cidade, mostra a extensão do comércio informal com a venda de uma diversidade de produtos, desde vestuário, eletrônicos, bijuterias, perfumaria até alimentos, atraindo pessoas de todas os municípios da microrregião.

A Feira serve também como um termômetro do setor. Quando a economia local está crescendo, é bem visível a “empolgação” por parte dos vendedores informais, em virtude do grande número de pessoas dos municípios vizinhos que vão em busca de produtos.

Tabela 8: NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS POR MUNICÍPIOS
1992

Municípios	Comércio Varejista	Comércio Atacadista	Total de Estabelecimentos
------------	--------------------	---------------------	---------------------------

América Dourada	50	01	51
Barra do Mendes	77	---	77
Barro Alto	26	---	26
Cafarnaum	83	07	90
Canarana	83	09	92
Central	76	05	81
Gentio do Ouro	14	---	14
Ibipeba	18	01	19
Ibititá	62	06	68
Irecê	743	140	883
Itaguaçu da Bahia	03	---	03
João Dourado	95	05	100
Jussara	50	04	54
Lapão	81	03	84
Mulungu do Morro	9	---	9
Presidente Dutra	75	10	85
São Gabriel	52	02	54
Uibaí	65	01	66
Xique Xique	298	18	316

Fonte: SIC/CICASE - Cadastro Industrial, Comercial, Agrícola e de Serviços da Bahia, 1992.

O número de agências bancárias ou postos na região era de 25 em 1992, sendo 7 em Irecê e 4 em Xique-Xique, isso confirma a importância dessas cidades como centros urbanos.

“No âmbito do comércio de bens duráveis, a cidade se destaca pelo número relativamente grande para seu porte médio, de seis revendedores de automóveis, quatro dos quais autorizados (FIAT, WOLKSWAGEN, CHEVROLET e LADA): dois revendedores de motocicletas e dois de tratores, além de muitos outros estabelecimentos”. (CPE, 1994, pág.59)

Irecê possui ainda várias lojas de autopeças e materiais de construção, equipamentos agrícolas e de irrigação, móveis e supermercados. No campo da comunicação, possui 4 emissoras de Rádio (2 FM'S), jornal e repetidoras de todos os canais de TV do Estado.

A importância desse centro urbano a nível regional está também no número de atendimentos de pessoas de outros municípios vizinhos. No Hospital Dr. Mário Dourado Sobrinho, cerca de 50% dos pacientes não residem em Irecê. Na Escola de Agricultura (ESAGRI), a maioria dos estudantes procedem também de outros lugares.

4 A DEPENDÊNCIA DO COMÉRCIO EM RELAÇÃO AO SETOR AGRÍCOLA

4.1 ELEMENTOS ECONÔMICOS

Os investimentos do Poder Público na Agricultura, e particularmente os incentivos dirigidos a projetos de desenvolvimento de determinadas culturas, têm provocado significativas alterações na economia local, com repercussão direta na atividade comercial. O Sul da Bahia, por exemplo, tem na cultura do cacau todo o respaldo para o desenvolvimento do comércio, tanto no atacado como no varejo. Assim, os municípios de Itabuna e Ilhéus concentram atividades em todos os ramos de atividade do comércio.

Os incentivos governamentais nas décadas de 70 e 80 nas culturas de feijão, milho e mamona na Região de Irecê, transformaram-na num pólo comercializador de produtos e na cidade de mesmo nome um centro comercial em pleno desenvolvimento.

“O comércio regional acompanha a crise por que passa a agricultura com a perda das últimas safras, devido à sua dependência do setor primário, confirmada pelo número de armazens e empresas comercializadoras de cereais e produtos alimentícios. Segundo a Câmara de Diretores Lojistas de Irecê, cerca de 50% dos empregados no comércio foram dispensados em 1995 e é elevado o quantitativo de falências no setor”. (Spínola, Noelio Dantaslé, 1995 p.104).

A quebra na produção de grãos tem causado um desaquecimento na economia regional, notadamente no comércio da cidade de Irecê. Desempregados ou sem ter como capitalizar a produção, muitos reduzem suas compras ou ficam inadimplentes no comércio, retraindo toda a atividade econômica.

A crise que passa a região provoca a saída de agricultores e pessoas ligadas a outras atividades que vendem tudo e partem para arriscar a vida em outros lugares, levando a uma redução da população. Cerca de 30% da população se origina de outras regiões e chegam em Irecê, influenciadas pelas notícias de “celeiro de grãos”, “pólo granífero”, mas quando percebem que a situação tem se invertido, retornam aos lugares de origem ou partem em busca de outras alternativas de sobrevivência.

Esse processo de migração é bastante prejudicial, gerando uma grande instabilidade para a economia local. Neste ano de 97, por exemplo, a região está colhendo uma excelente safra, mas o comércio ainda sofre as dificuldades resultantes da crise de 96, quando um grande número de pessoas deixaram a região.

Em 1996, os agricultores recorreram a financiamentos dos bancos, mas tiveram uma perda de safra inesperada, ficaram endividados e conseqüentemente, em 97 os bancos, emprestaram pouco dinheiro.

A expectativa é a geração de cerca de R\$ 60 milhões para a economia local com a colheita de dois milhões de sacas de feijão em 97. Segundo o agricultor, Everaldo Dourado, se o Banco do Brasil e o BNB tivessem financiado a safra de feijão, a produção seria mais expressiva.

O comércio tem sofrido também com a política do governo, que tem reduzido cada vez mais o poder de compra das pessoas, principalmente, da classe média. Motivo pelo qual, têm recorrido a compras à prazo, e muitas vezes, sem um planejamento adequado, não conseguem cumprir com seus compromissos e ficam inadimplentes.

Segundo o Empresário e associado do CDL da cidade de Irecê, Paulo Freire, a safra de 97 têm provocado um aquecimento nas vendas do comércio, mas não na proporção que era esperado. A justificativa pode ser o fato dos agricultores não liberarem a safra totalmente, esperando um aumento nos preços dos produtos.

A importância do Comércio é representada também na arrecadação do ICMS. "Irecê responde por 85% da receita com o ICMS dos municípios da Região, com participação de 81% do comércio, 13% dos serviços e 6% da indústria na composição da sua base tributária, resultante da movimentação de bens e prestação de serviços". (Spínola, Noelio Dantaslé, 1995, p.110).

Os dados levam a crer que a dependência do comércio em relação a atividade agrícola manifesta-se na arrecadação do ICMS (Imposto de Circulação de Mercadorias e Serviços) do comércio. No período 91/92 quando a safra foi boa, a arrecadação do ICMS teve um crescimento

bastante significativo, já de 95 para 96, quando a região acumulava uma longa estiagem, a variação do ICMS teve pouca importância³.

5 ANÁLISE ATUAL E PERSPECTIVAS

³ Informações sobre a arrecadação do ICMS do Município de Irecê colhidos na Secretaria da Fazenda

Como a atividade comercial é bastante dependente do desenvolvimento agrícola, vale ressaltar que os projetos de incentivos a agricultura favorecem o crescimento da cidade de Irecê, centro da economia da microrregião e formador de decisões econômicas como tem sido evidenciado neste trabalho.

“No tocante às perspectivas da Região, a realidade atual evidencia-se bastante diferente do quadro dos anos 70/80, quando Irecê alcançou a posição de principal pólo produtor de grãos para consumo interno no Nordeste. A seca persistente ao longo dos últimos anos fez envolver a produção regional e desagregou a sua economia, que requer custosos investimentos na captação de água do solo no planalto cárstico e em políticas de irrigação e sociais, objetivando conferir estabilidade aos cultivos, independente das condições climáticas, e garantir o mínimo de condições de sobrevivência à população, que continua a crescer em decorrência dos fluxos migratórios em demanda de Irecê, sem que haja qualquer possibilidade de geração de empregos e de renda na cidade pólo e núcleos vizinhos”. (Spínola, Noelio Dantaslé, 1995, p.33)

A Adutora do Feijão, que traz água do Rio São Francisco para a sede de Irecê, foi inaugurada há cerca de 2 anos e beneficia bastante esta região, proporcionando a utilização da tecnologia da irrigação, mas a água não chegou ainda a muitos municípios, necessitando de uma atenção maior por parte do Estado.

A COOPIRECÊ, Banco do Brasil e Boley⁴, num trabalho conjunto , deverão promover junto a pequenos e médios produtores de Irecê, o plantio de 20.000 ha de mamona com sementes selecionadas. Haverá acompanhamento técnico dos cultivos, financiamento bancário e garantia de preço mínimo de US\$ 160/t aos produtores. (Aguiar, Paulo Cardoso, 1995, p.41)

A expectativa maior é na indústria extrativa mineral com a descoberta das jazidas de fosfato supergênico que poderá produzir fertilizantes para todas

⁴ Indústria de Processamento de Mamona

as regiões do país e também exportar. A reserva de 4,3 milhões de toneladas de fosfato supergênico viabiliza a implantação de um empreendimento industrial para a produção de 100 mil toneladas/ano. Esse empreendimento pode gerar um grande número de empregos na região, beneficiando principalmente a agricultura baiana.

O governo do Estado tem anunciado o Programa Sertão Forte, objetivando a construção de barragens, aguadas e perfuração de 500 poços tubulares. O Programa pretende proporcionar o desenvolvimento da fruticultura e horticultura e fazer parcerias com a iniciativa privada buscando gerar emprego e renda.

O Projeto de desenvolvimento da fruticultura irrigada no Baixo de Irecê beneficiará uma área de 50 mil ha, gerando novos empregos e incrementando novos investimentos.

No que se refere a cidade de Irecê, especificamente, com o crescimento acentuado da sua população, será necessário alguns projetos no sentido de abrigar esse contingente de pessoas que estão chegando:

- A) infra-estrutura e urbanização de novas áreas;
 - B) uma oferta maior de serviços educacionais, inclusive a oferta de cursos de 3º grau, já que os estudantes que desejam curso superior têm de recorrer a Salvador, Feira de Santana, Jacobina e outras cidades do Nordeste;
 - C) aumento na oferta de atendimento médico-hospitalar, assim como nos equipamentos de saúde;
 - D) formulação de um projeto de esgotamento sanitário;
-

- E) incentivo a construção de hotéis de médio porte;
- F) promover e ordenar o serviço de transporte urbano, inclusive com linhas para as demais cidades da microrregião;

6 CONCLUSÃO

A Região de Irecê ficou conhecida nacionalmente como celeiro de grãos, chegando a responder por 20% da produção de feijão do país; conseguiu atingir a marca de maior produtor mundial de mamona, e destacou-se também na produção de milho e algodão.

Nas décadas de setenta e até metade dos anos oitenta, o governo interferiu muitas vezes na área com projetos e financiamentos no sentido de viabilizar a produção de grãos da Região, notadamente os produtos que possuíam características que se adequassem às características de solo e clima da área, é o caso do feijão, milho e da mamona.

A intervenção do governo foi primordial para o desenvolvimento agrícola de Irecê, constituindo-se centro de uma economia regional e expressando sua superioridade tanto do ponto de vista econômico, geoeconômico/funcional ou urbano, polarizando cerca de vinte e um municípios nos aspectos citados.

A força polarizadora de Irecê se reflete também na cidade, com o mesmo nome e uma população que representa apenas 14% do total regional, mas com uma dimensão de cinco a sete vezes o tamanho das demais sedes municipais que compõem a microrregião.

Com um comércio bem superior em número de estabelecimentos e oferta de serviços básicos, a Cidade de Irecê atende pessoas de todos os municípios vizinhos, necessitando portanto de uma atenção especial dos órgãos públicos.

Na década de noventa, tem-se assistido uma crise no comércio, influenciada, diretamente pelos problemas graves pelos quais a agricultura tem passado, com queda nas safras, decorrentes da falta de um tratamento mais sério para as flutuações climáticas próprias da Região.

As frustrações da produção têm deixado muitos agricultores inadimplentes com o comércio, gerando falências neste setor. Além disso, uma parte deles vão para outras regiões em busca de melhores oportunidades, isso significa, uma redução da população e conseqüentemente, retração nas vendas do comércio.

É importante considerar também a influência de fatores externos como a Política Econômica promovida pelo governo, a exemplo dos planos de estabilização, como Plano Cruzado e Plano Real, que sem dúvida afetam a economia nacional e regional como um todo.

O desenvolvimento do comércio está portanto subordinado ao crescimento da agricultura, ficando evidente a necessidade de um investimento maior por parte dos governos municipal, estadual e federal, no sentido de criar novas alternativas para o setor agrícola, evitando a saída de pessoas para outras regiões e promovendo o aquecimento da economia local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Élio José et al.. Micro Região de Irecê: Novas Alternativas para Exploração Agrícola. Cruz das Almas: Centro Nacional de Pesquisa de Mandioca e Fruticultura Tropical da Embrapa (CNPMF), 1994. 40p.

ALMEIDA, Erasmo José de. - Convivência do homem com a seca e a Irrigação no Nordeste, Salvador: Fundação Baiana para Estudos Econômicos e Sociais, 1984.

AMORIM, José Simões de. A Modernização da Agricultura Baiana, Jornal dos Economistas, SINDECON, Maio/Junho/93 Ano 7, nº 4.

ANDRADE, Margarida. Agricultura Baiana nos anos 90. Bahia Análise e Dados . Salvador, SEI, v.6,n.3, p.60-65, Dez./96.

AZEVEDO, Marcia Viterbo. O Impacto das mudanças na política de crédito rural sobre a cultura do feijão: Região de Irecê. Salvador, UFBA/FCE, 1993. (Monografia de Graduação em Ciências Econômicas - UFBA).

BAHIA. Secretaria de Indústria, Comércio e Mineração. Diagnóstico e Oportunidades de Investimentos - Mamona. Salvador, SICM/SEBRAE,1995, v. 5.(Série Oleaginosas).

BAHIA. Secretaria do Planejamento e Tecnologia. CEI. Agricultura, Estrutura Fundiária e de Produção, Salvador: 1985.

BAHIA. Secretaria de Planejamento e Tecnologia. Agricultura, Estrutura Fundiária e de Produção. Salvador: 1985.

BAHIA. Secretaria da Fazenda. Comportamento das Atividades Econômicas e seus Reflexos na Arrecadação do ICMS. Salvador: 1990. Volumes 1 (Indústria), 2 (Comércio), 3 (Agropecuária) e 4 (Diversos).

BAHIA. Secretaria da Fazenda. Regiões Fiscais do Estado da Bahia. Salvador: 1992.

BAHIA. Secretaria da Fazenda. ICMS Bahia - Valor Adicionado e Índices dos Municípios . Salvador: 1994.

BAHIA. Secretaria de Indústria, Comércio e Mineração. Cadastro Industrial, Comercial, Agrícola e de Serviços - CICASE, 1992. Salvador: SIC, v. 2, 1992.

BAHIA. Secretaria do Planejamento e Tecnologia CEI. Informações Básicas dos Municípios Baianos: Região de Irecê. Salvador: CEI, 1994.

CEPLAB. O Pequeno Produtor e a política governamental na Bahia e em Irecê. Salvador: 1980.

DUARTE, A. C. Irecê: uma área agrícola “insulada” no sertão baiano. Separata da Revista Brasileira de Geografia, v.25, n.4, p. 41-62, 1963.

EMPRESA de Assistência Técnica e Extensão Rural da Bahia. Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional. Salvador: 1985, v. 4. (Projeto de Pesquisa PDRI Irecê)

EMPRESA de Pesquisa Agropecuária da Bahia. Avaliação Preliminar da Cultura do Feijoeiro na Microrregião de Irecê-Ba, no ano agrícola de 1981-1982. Salvador: 1983.

FREITAS, A. F. C. et alli. Diagnóstico parâmetro para avaliação do PDRI - Irecê (Bahia). Salvador: 1984. v.2. 1ª etapa.

IBGE. Censo Econômico de 1985. Região Nordeste. vol.2.

IBGE. Censo Demográfico 1991. Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA 97 ([http: www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)) Arquivo capturado em 05/05/97.

IRECÊ perde 70% da safra de feijão. A Tarde Municípios. Salvador, 26/03/96.

IRECÊ produz apenas 30% da safra prevista. A Tarde Rural. Salvador, 18/04/96.

- JUNIOR, César Vaz de Carvalho. Desempenho da Agricultura Baiana - 1992. Bahia Análise e Dados. Salvador, CEI, v.2, n.3, p.49-56, dez./92.
- LEÃO, Sônia de Oliveira. et alli. FUNDAÇÃO CENTRO DE PROJETOS E ESTUDOS. Irecê: Um subsistema urbano em formação. Salvador: CPE, 1994.
- LIMA, Carmem Lúcia Castro. Agricultura Baiana e Tendências dos anos 80. Bahia Análise e Dados. Salvador, CEI, v.2, n.1, p.33-42, Jun./92.
- ORNELAS, Waldeck Vieira. Estudo da Produção de Alimentos no Estado da Bahia. Salvador: CPE , 199
- SAFRA de feijão tem perda de 70% na região de Irecê. A Tarde Municípios. Salvador, 01/03/96.
- SILVA, Antonio João da. Projeto de Estudos Econômicos e sociais das regiões semi-áridas do estado da Bahia. Salvador: 1985.
- SPÍNOLA, Noelio Dantaslé. et alli. Diagnóstico de Municípios - Região de Irecê. Salvador: 1995. (SÉRIE Desenvolvimento Regional)
- WILKINSON, John. O Estado, a Agroindústria e a Pequena Produção. São Paulo - Salvador: 1986.